



Pré-Missões



«Simão, filho de Jonas, amas-me ? Êle respondeu : Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus : Apascenta as minhas ovelhas.»

S. João, 21:16



«Ê-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto, ide, ensinai tôdas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo ; ensinando-as a

guardar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado ; e eis que eu estou convosco até à consumação dos séculos. Amen.»

S. Mateus, 28:18-20

A CARIDADE

Disse JESUS :

«E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome do discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão». (S. Mat. 10:42).

«Amai aos vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vós maltratam e vos perseguem ; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus : porque faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos». (S. Mat. 5:44-45).

Disse S. PAULO :

«Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse caridade seria como o metal que soa e como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

«E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

«A caridade é sofredora; é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

«Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

«A caridade nunca falha ; mas havendo profecias, serão aniquiladas ; havendo línguas, cessarão ; havendo ciência desaparecerá. Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.

«Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade; estas três; mas a maior destas é a caridade». (1 Cor. 13:1-13).

É a mais portuguesa de tôdas as nossas colónias pela acção secular dos nossos antepassados. Neste vasto trato de território africano, exercem as Missões Adventistas a sua acção civilizadora e cristianizadora.

Dedicamos estas primeiras páginas da nossa revista ao esforço missionário cristão exercido em favor dos nossos compatriotas de côr, naquella colónia, e o nosso intento é trazer à mente do leitor, mais uma vez, a grandiosidade da tarefa que consiste em civilizar e, sobretudo, preparar para o Reino de Deus indivíduos mergulhados nas trevas mais densas.

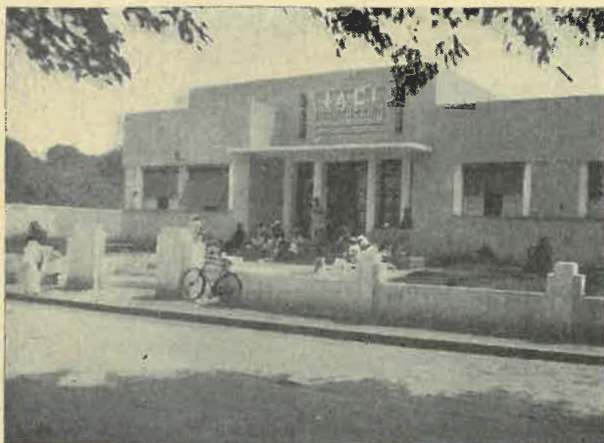
Que é Angola?

Ouçamos as palavras de uma autorizada escritora portuguesa:

«A quem conheça, como eu, tôdas as nossas colónias africanas, Angola mostra, logo no pórtico de entrada, seu cunho português, sua fachada bisonha de provinciana em bolandas, seus ares característicos que a notabilizam como a mais portuguesa de tôdas as nossas províncias ultramarinas. Angola é estruturalmente nossa. Indelêvelmente ostenta no flanco, gravada a ferro, fogo, sangue, a marca do dono, a ferra.

Em Angola lateja o deslumbramento duma grande esperança de poderio, de riqueza, de prolongamento imperial; mas é ainda, apenas, essa esperança. Pode vir a esplender noutro Brasil — que ainda não é.

Tudo é possível nessa terra exuberante. Aqui encontra-se o tórrido clima africano, além as



Benguela — Dispensário médico para crianças

ANG

montanhas cobertas de geada; dêste lado a floresta ostenta seu desmedido lençol de ramarias, para os longes alongam-se os desertos de areias; rios caudalosos, cortados de cachoeiras, sulcam a serra e a planície; a costa burilada



Missão de Lucusse, Mexico — Na apanha de morangos

aninha baías e recantos, desentranha-se em riquezas piscatórias; as altas montanhas planálticas são campo livre para a colonização branca. Tudo se cria, tudo prospera em Angola, desde o café ao trigo, desde a magnólia às violetas. O povo indígena é submisso, ou submetido; dá-nos mão de obra fácil e barata. A grande massa dos assimilados, negros autênticos ou mestiços em todos os tons da fusão dos sangues europeu e africano, são um elemento de ligação entre os colonos e os indígenas.

Angola! Terra desmarcada, pasto da nossa ambição lusíada, grande ambição de pequenos. Sim, eu sei, nos ideais modernos a justiça clama novos direitos e sobre a mística da Pátria ergue-se a da Humanidade. Mas quando se pisa esse chão que nossos avoengos demandaram com a fragilidade das caravelas, que palmo a palmo foi conquistado por nós, que o nosso esforço abriu ao tráfego internacional; quando se passa nos arruamentos tortuosos dos seus burgos, bisonhos como aldeias portuguesas, marcados das mesmas nomenclaturas da nossa província, — do Minho ao Algarve, — talhados ao gosto tradicional na nossa gente; quando se verifica que os nossos usos imperam de lés a lés na colónia, influem mesmo no gentio;

OLA —

quando nos convencemos de que em toda essa amálgama e em toda essa gente só raros entalhes cosmopolitas destoam da feia, mas típica, concepção portuguesa — então nós sentimos que Angola é nossa, cada palmo do seu chão é



Malange — Angolanos civilizados pelas missões

nossa pertença, e esbulhar-nos dum torrão desse solo africano é tão criminoso como vir roubar-nos à nossa própria cssa.

Quanto de bom está feito em Angola é obra do instinto imperial na nossa grei. Angola é nossa porque nela o português actuou com suas virtudes atávicas, apartadas da desorientação que sempre mostrou como administrador. A estrutura de Angola é portuguesa, mas não em consequência de quaisquer manobras políticas — militares ou administrativas — que, contudo, aplicadas a preceito, operam maravilhas. (Marrocos, esse hostil Marrocos onde portugueses e espanhóis durante séculos afiaram espadas em cabeças de moiros, sôb as mãos de Lyautey fez-se em quinze anos francês). A capacidade colonialista do nosso povo, a sua fôrça de adaptação, de resistência, a sua sobriedade, o seu ânimo aventureiro, foram as únicas garras que conquistaram para Portugal essa «Angola, império de brancos».

Portugal, grei escoteira da Europa, traçou as linhas gerais do grande Brasil, o marco da sua expansão na América; e há-de erguer num breve futuro a ossatura do seu império africano, o padrão eterno da sua arrancada na África.

Os povos obedecem a fatalismos. Parece que se guiam por linhas de conduta traçadas pela rigidez do Destino, desígnios que cumprem ignorando a missão realizada. O nosso é terrível — ir pelo mundo, alucinados, alteando o archote que aos outros guia para o triunfo...

Dos povos, quer antigos, quer modernos, só o romano e o português colonizaram assimilando as raças conquistadas. O nosso indígena civilizado toma foros de cidadão, dispõe de capacidade civil e política. A mesma religião nivela as almas no culto do mesmo Deus, na liturgia da mesma Igreja.

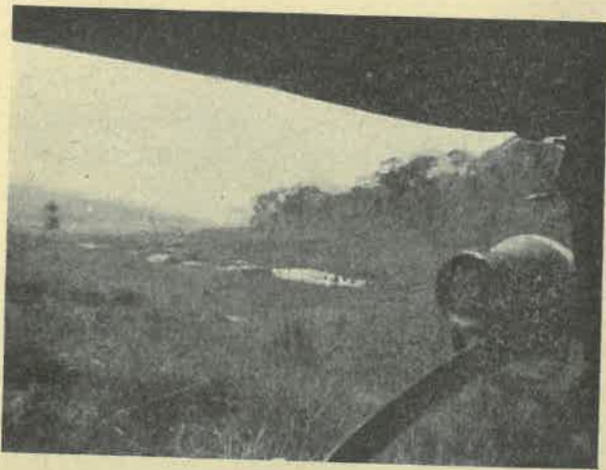
Gosto de ver as igrejas cristãs em Angola regorgitando de fiéis. Mãos selvagens, ossudas, negras, erguem-se nas preces rituais. Bôcas negras, prognatas, cantam na nossa sagrada língua portuguesa os cânticos místicos que se ouvem nas capelinhas das nossas serranias. Essa gente negra parte da sua rudez primeva para nos encontrar. Nós somos o alvo que deseja atingir a ambição do africano. Vestir como nós, falar como nós, enfim, ser português, — eis o desejo, o móbil, a ambição do negro de Angola.

A escola laica, diurna e nocturna, ensina a nossa língua. O missionário, mestre por amor de Deus, ensina o português. A língua portuguesa domina a terra de Angola.

É claro que este indígena bem falante, e mesmo o assimilado ou o mestiço, não pretendem dar ao branco lições de classissismo em linguagem. Entre os indígenas — que falam o português mas pensam na sua língua — é frequente a confusão nas palavras e idéias, a alteração no emprêgo ou valor das frases e locuções portuguesas.

Maria Archer

Cadernos Coloniais, n.º 19, págs. 4 a 7.



Nos descampados do Moxico

Uma visita às nossas es

- Ó Estêvão.
- Patrão.
- Depois de amanhã, querendo Deus, havemos de começar a visita às escolas.
- Sim, senhor, patrão.
- Iremos primeiro à do mestre Isaac e em seguida a Sacambunge. Depois iremos a Muarilo.
- Sim, senhor, patrão.

O Estêvão Mingoche aparentava ter uns 17 ou 18 anos. Ele não sabia a idade que tinha, como a não sabem os filhos das selvas. Os rudimentos da vida gentílica não permitem que os pais se interessem em saber quando nascem os seus filhos.

Este jovem pretinho era um daqueles nativos a quem se podia considerar uma das melhores jóias encontrada nas selvas e arrancada da influência degradante do paganismo.

Depois do seu curso preparatório de 3 anos dirigido pelo mestre nativo, ele ingressou na escola primária da Missão dirigida pelo professor branco e nesta altura frequentava a 2.^a classe. Já falava admiravelmente o português. Era membro baptizado e compreendia bem os princípios fundamentais da sua religião. Ele sabia que ter fé e seguir as doutrinas de Jesus, não era uma simples questão de disposição ou de inclinação mas essencialmente o ter-se tomado uma firme decisão de seguir os princípios. Num testemunho seu eu ouvi dizer-lhe que fazia desta ou daquela maneira, ou não fazia, não porque fôsse seu desejo ou inclinação, mas porque tomou a firme decisão de obedecer à



Preto mísero em Nova Lisboa — Angola

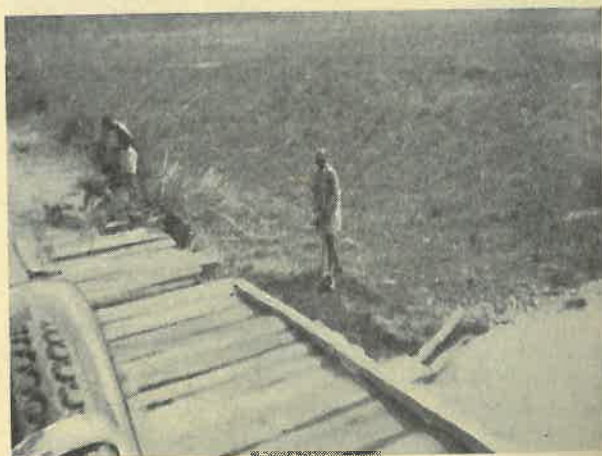
Palavra Deus. Que belo exemplo para muitos cristãos brancos formalistas !

Tomei este belo rapaz ao meu serviço que era também duma adaptabilidade notável. Fora das horas de escola fazia de criado, de lavadeiro, de cozinheiro e de intérprete. Depois confiei-lhe a mordomia.

No dia seguinte, véspera da partida, o Estêvão fez os preparativos da viagem.

A primeira étape era a visita a 2 escolas que demorava uns 8 dias e na passagem pelas aldeias entabulava conversação demorada com os nativos. Tinha de ser feita a pé e de tipóia porque as únicas vias de comunicação desta região para aquela área são os caminhos gentílicos através de «ânharas», montes, vales e pântanos.

Uma boa provisão de mantimentos incluindo conservas para reserva era necessária porque



Ponte de tábuas no Moxico

no mato só se pode obter galinhas e ovos. O trem de cosinha é que é a coisa mais fácil de se arranjar : uma panela e uns tachos, é quanto basta. Lenha não falta no mato nem água nos rios. E se os utensílios que vão ao fogo ficam da cor da pele dos pretinhos, isso não importa, lá estão eles que solicitamente os limpam.

— O patrão leva a barraca, não leva ? disse o Estêvão.

— Pois, é melhor. Desde que naquela vez me enchi de «pugas» por ter pernoitado naquela casa... é melhor.

— É verdade, patrão. Eu também penso que é melhor. Eu bem limpei aquela casa do «mua-

colas aldeãs

ta», mas pelo que vejo os bichos estavam escondidos nos buracos das paredes.

Uma boa barraca com a respectiva cama de viagem é necessária não só para maior comodidade e de instalação quando se quer, como também para efeitos de higiene. Nas áreas das escolas, os mestres têm edificado uma casa «à



Professor branco catequizando no Bongo — Angola

moda da terra» exclusivamente para nós, para nos instalarmos quando ali vamos.

Dia da partida. 5 horas da manhã : toque da sineta da Missão como o costume de cada dia. 5 e meia : 2.º toque para o culto. 6 horas : distribuição do trabalho para os internos que têm de entrar para a escola às 13 horas. 7 horas : últimas instruções aos 2 mestres da Missão e demais pessoal com responsabilidades e devido à ausência do director. 7 e meia : partida.

A primeira visita a fazer foi à escola do mestre Isaac que dista apenas 17 quilómetros da Missão. Desta vez não nos demorámos nas aldeias por onde passámos porque queríamos chegar antes da escola ter principiado.

Neste trajecto a viagem torna-se relativamente agradável pois que consiste na sua maior parte em atravessar florestas e rios. Assim não acontece em outras áreas onde temos de ir também. Há «anharas» a atravessar onde o sol é escaldante e pântanos a passar.

Chegámos à escola pouco depois do meio dia. Há apenas alguns meses que abrimos aquela escola. Todos os rapazes da aldeia a frequentam, bem como próprio «muata» (chefe da aldeia) que declarou querer aprender a ler e a «conhecer os caminhos de Deus». É, com sua mulher, um dedicado frequentador da classe



Cabo-Verde — Olhando com saudade o barco que vai partir

baptismal. Quando souberam da nossa chegada, tôda a escola veio esperar-nos ao caminho com manifestações de contentamento. Aquêles prentinhos vieram saudar-nos com os rostos sorridentes e com palavras prèviamente estudadas : «Bô taade, siô patrão». «Bô taade siô, ngana» («ngana», é senhor). Patrão é o tratamento que o nativo dá a qualquer branco.

São 12,50 horas. É tempo de formar para entrar na aula. Desta vez não houve recreio preliminar que consiste em determinados jogos dirigidos pelo mestre e apropriados para dispor bem as mentes das crianças ao estudo.

Sibila o apito. Imediatamente formam os prentinhos a dois. O mestre coloca-se numa das extremidades da fila e manda «pela direita perfilar !» Todos curvam o braço esquerdo ao mesmo tempo e olham para a direita, procurando cada um alinhar-se convenientemente e pelas instruções do mestre. «Olhar frente !» «À vontade !» Em seguida o mestre passa revista ao estado de limpeza. Quanto à indumentária, isso não importa ; basta uma pequena tanga para entrar na aula, que é o que se pode arranjar entre êles. Mas o que é preciso é que estejam limpinhos. Água não falta. Êles já sabem isso. Contudo sempre aparece um ou outro sujinho na cara, nas mãos ou em qualquer parte do corpo. Então há sempre uma bacia próximo da porta da escola para, quando fôr preciso, o mestre mandar lavar antes de entrar na aula.

— António, saia da forma e vá lavar as mãos. Moisés, vai lavar os joelhos. Paulo, vai lavar a cara. Os rapazes indicados saem da forma e depois de fazerem o que lhes foi mandado, entram na aula e tomam os seus lugares.

— Podemos entrar para a escola, senhor director ? Disse o mestre.

— Podem.

— Escola : «Sentido !» «Direita, volver !» «Ordinário, marche !» «À esquerda, rodar !»



Lisboa — Na hora da despedida do missionário

«À direita, rodar!» E à medida que vão chegando, cada um toma os seus lugares, ficando em pé. Cantam um hino. Uma oração é oferecida pelo mestre.

Começa a lição.

Bíblia: «Abraão foi chamado por Deus...»

Aritmética: «...5, 6, 7...»

Português: «...mesa, cadeira, parede...»

Higiene: «A falta de limpeza não só causa repulsa, como também é portadora de muitas doenças...»

Educação cívica e moral: «...sejamos gratos... cumprimentemos os nossos superiores... sejamos obedientes...»

* * *

No dia seguinte partimos. Os rapazes ficam ao cuidado do mestre que os prepara preliminarmente para se tornarem homens e homens cristãos.

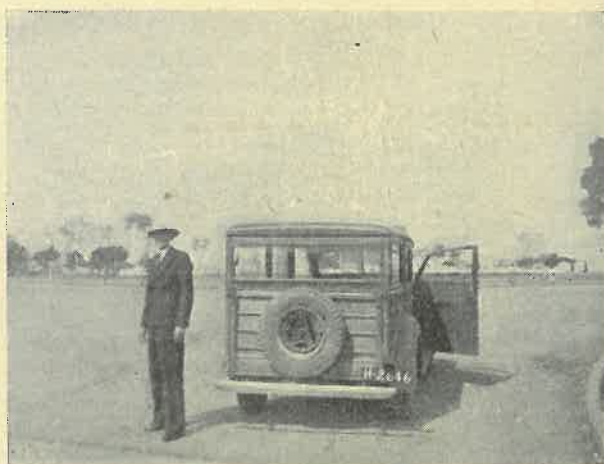
Nós seguimos para Sacambuge onde está a escola do mestre Francisco que dista daqui a 40 quilômetros aproximadamente. É esta a distância que temos de vencer a pé e de tipóia.

Atravessámos rios com pontes gentílicas desmanteladas. Isto significa que é preciso cuidado para não dar com o pé em falso. É preciso cuidado também com os jacarés que aparecem de repente debaixo de água ou estão ocultos nas margens. O meu guia vai à minha frente e sabe bem onde põe os pés e as mãos. Nós procuramos seguir-lhe o exemplo.

Mais adiante, depois de termos atravessado outro rio maior, apresenta-se diante de nós uma grande planície pantanosa. É preciso tomar novas precauções. Debaixo do capim há grande número de buracos. Aqui também é notável a perícia dos pretinhos. Parece que têm olhos que vêem opacamente. Enquanto eles já têm passado o pântano, eu com o meu guia só te-

nho chegado a um terço e com freqüentes escorregadelas. A primeira vez que passámos aquela planície pantanosa foi de tipóia, mas os balanços moem mais do que a marcha, e um dos carregadores ia partindo uma perna. Agora preferimos descalçar-nos, arregaçar as calças acima dos joelhos e toca a marchar. Botas de borracha como as dos marítimos também podem ser empregadas, mas isso torna as arrancadas fatigantes. Com os pés na água e no capim verde, é até um exercício que faz bem.

Passámos depois pelos bosques. É a parte do



Nova-Lisboa — Automóvel da Missão a partir para o mato

itinerário mais agradável de atravessar. O sol não nos incomoda. Temos também a oportunidade de descansar e de comer. Aqui, ali e acolá estende-se uma e outra aldeia e mais adiante lavras de mandiocas.

Atravessámos depois as «anharas». Ali não há aldeias, nem rios, nem lavras. Só servem de passagem de homens e de animais e é o sítio mais perigoso do encontro com o leão.

O sol agora vai a caminho do horizonte. Portanto há um rio e mais adiante uma aldeia. É tempo de fazer alto, armar a barraca e passar ali a noite. É oportunidade também de vir em contacto demorado com os pretinhos.

A nossa presença e preparativos de instalação desperta, como é natural, um bom número de olhares curiosos.

Pouco depois do sol ter caído no horizonte, ouvimos batuque. A princípio ainda pensei se aquilo não seria em honra do branco que se tinha dignado em visitar a aldeia, mas logo vim a saber que se tratava duma demonstração festiva em honra duma jovem «formosa à vista» que tendo chegado à puberdade ia ser dada ao soba como uma das suas espôsas.

— O branco traz «mungua» (sal)? — disseram.

— Traz, e também a palavra de Deus.

Pouco depois vieram ovos que nós aceitámos e por nossa vez oferecemo-lhes sal que eles muito apreciavam.

A nossa prelecção daquela noite, cingindo-nos ao incidente, versou sobre o assunto: «Nem só do pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus». É preciso falar aos pretinhos de modo a poderem compreender também a mensagem de Jesus.

* * *

Deixando a aldeia onde passámos a noite, pusemo-nos de novo a caminho em direcção a Sacambunge onde chegámos naquele dia ao cair da tarde.

Os pretinhos com o mestre à frente vêm es- perar-nos ao caminho gritando e pulando com manifestações de alegria. Quando se aproxima- ram de nós deram-nos as boas vindas e em se- guida cantaram 2 hinos, um em quiôco e outro em português. Aqui já se ouve falar o português. Havia 3 anos que tínhamos estabelecido ali aquela escola. São portanto as três classes A. B. C., preliminares da 1.ª classe de instrução pri-



Cabo-Verde — Aportando à praia

mária, que funcionam lá. Assim na aula não é só a soletração das palavras portuguesas e a linguagem quiôca do mestre que ouvimos, são também os exercícios de conversação, leituras de livros nas mãos dos alunos e os rudimen- tos das 4 operações no quadro preto, que obser- vámos. Como a escola está situada numa área bastante populosa, a frequência é grande. O mestre não tem mãos a medir.

Passámos ali 3 dias que foram 3 dias de bom ânimo e festa espiritual. O sobeta é nosso ami- go e estimula os pretinhos a frequentarem a es- cola e há outra gente a assistir às reuniões cul- turais.

Tôdas aquelas noites tivemos reuniões à roda de fogueiras prègando a Palavra de Deus. De dia fazíamos visitas às outras aldeias próximas procurando despertar o interesse no nativo in- diferente.

* * *

A escola que depois visitámos foi a de Mua- rilo. É a melhor e a mais antiga da nossa Mis- são da Luz. É como uma pequena Missão onde tem 2 dúzias de zelosos membros baptizados e uma aldeia cristã. O seu mestre é o veterano Jeremias que hoje tem colegas que foram seus discípulos. A sua boa influência tem marcado uma autoridade superior à do soba.

Visitámos uma aldeia a uns cinco quilómetros desta escola onde, no dizer do seu «muata», nunca foi nenhum branco. Depois de lhe termos falado das boas novas do Evangelho, êle decla- rou-nos que se sentia bastante grato e impres- sionado com o que tinha ouvido, e que dali para o futuro punha a sua gente à nossa dispo- sição para ser instruída porque de facto reco- nhecia que eles eram «como ovelhas desgarras- das que não têm pastor».

Testemunhos como estes aparecem-nos fre- quentes vezes dos vários campos missionários. A dificuldade está na falta de obreiros.

Precisamos de mais obreiros brancos e na- tivos porque «na verdade a seara é grande, mas os obreiros são poucos».

Prezado leitor dá uma boa oferta de boa von- tade para a obra de Deus que isso não será em vão: «E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão». (S. Mateus 10:42).

Jerónimo Falcão

Antigo Missionário em Angola



Missionário Rodrigues e o Chefe do Posto do Lucusse

Que significam
tantas ruínas ?

«E ouvireis de guerras e de rumores de guerras ; olhai não vos assusteis porque é mister que isso tudo aconteça mas ainda não é o fim.

«Porquanto se levantará reino contra reino e haverá fomes, pestes e terremotos em vários lugares.

«Mas tôdas estas coisas são o princípio de dôres». (Jesus, em S. Mateus, 24 : 6-8).

Quem provoca
estas destruições :
DEUS ?

«Deus, nosso Salvador, quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade» (1 Tim., 2 : 4).

«E da bôca do «dragão» e da bôca da «besta» e da bôca do «falso profeta» vi sair três espíritos imundos semelhantes a rãs porque são espíritos de demônios que fazem prodígios os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso». (Apocalipse, 16 : 13 e 14).

Não haverá
esperança nenhuma ?

«Ora quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima». (Jesus, em S. Lucas, 21 : 28).

«E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira Terra passaram e o mar já não existe... E Deus limpará de seus olhos tôda a lágrima ; e não haverá mais





morte, nem pranto, nem clamor, nem dôr ; porque já as primeiras coisas são passadas.

...Mas quanto aos tímidos e aos incrédulos, aos abomináveis, aos homicidas, aos fornicários,

aos feiticeiros, aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxôfre ; o que é a segunda morte». (Apocalipse, 21 : 1,4 e 8).

Alguns Catequistas Angolanos!

A mensagem da próxima vinda do Salvador é difundida em Angola, em cinco línguas distintas.

Da nossa escola de catequistas do Bongo (Lepi) saem, cada ano, professores que ensinam os rudimentos do sistema educativo e espalham o Evangelho. Do Bongo têm partido raios de luz que penetraram nos escuros cantos dêste grande e necessitado campo.

Acabo de chegar de uma visita à nossa missão mais nova no Cuale e ali encontrei Pambassange e a sua mulher procurando deixar brilhar a sua luz enquanto aguardam a chegada de um missionário branco. Tem encontrado dificuldades no seu trabalho. Está a 700 quilómetros do seu povo, numa região onde não se fala a sua língua. Os Jingas estão tão mergulhados na ignorância, na superstição e na idolatria que não querem ouvir o Evangelho; mas alguns aceitaram a luz e reúnem-se com Pambassange, sábado após sábado, para estudar a Palavra de Deus. Quem tenha feito a experiência de estar numa terra estranha, entre povo desconhecido, poderá apreciar a coragem mostrada por Pambassange. Língua diferente, alimentos diferentes, costumes diversos e até as indústrias e maneiras de viver muito outras.

Na Missão da Luz, entre os Choqués encontram-se diplomados da Escola do Bongo. A escola daquela Missão foi inteiramente queimada por uma faísca mas a escola continuou os seus

trabalhos debaixo das árvores, por chuva e por sol, até que ficou acabado o dispensário médico e presentemente empregam para os serviços escolares o edifício que deveria servir para a missão-médica.

Agostinho de Lucasse, principiou a traduzir alguns dos nossos hinos em língua Luena, falada na-

quela região. É ali um estrangeiro a muitas e muitas milhas da sua família e amigos.

Também Laurindo é o único professor entre os Luchazes. Quando o visitamos pela última vez ele tinha uma escola ao ar livre e os seus



Leprosaria no Bongo

estudantes procuravam todos construir uma casa de lama que pudesse servir para escola. Os seus alunos cantaram-nos um cântico na sua própria língua que Laurindo traduzira.

Temos na nossa escola do Bongo um rapaz Umbundo chamado Ecupa. Durante as férias pegou num rôlo de estampas próprias para as crianças aprenderem a Bíblia, pegou nos seus rudimentares apetrechos de campismo e, de Bíblia na mão, lá foi ele fazer uma campanha missionária. Chegando a uma aldeia, mostrou as suas estampas, prégou a Bíblia e ensinou cânticos. Quando terminaram as suas férias Ecupa tinha duzentos nativos prontos a seguir as classes que precedem o baptismo. Ecupa foi ainda a outra aldeia mas ali nem sequer lhe deram licença de prègar. Nada queriam saber de uma religião que lhes proíba o uso de bebidas embriagantes, de cachaça, a adoração dos demónios e a possibilidade de possuir mais de uma mulher. Os chefes ameaçaram-no de lhe queimar a Bíblia se prègasse na aldeia mas Ecupa disse-lhes que preferia que o matassem a que lhe queimassem a Bíblia.

Há cêrca de sete anos, Nascimento estava a trabalhar com contrato nesta região quando principiou a notar particulares sensações nos braços e pernas. Não prestou atenção, de comêço, mas quando se formaram nódulos na sua testa e nariz compreendeu e seus amigos com ele, que estava leproso. Está agora a tratar-se na



Chagado no hospital do Bongo

Prezados
amigos : —
Seria faltar
a um dever,

que a gratidão nos impõe, se não vos déssemos
as nossas notícias :

Depois de têmos feito uma óptima viagem e
de visitarmos a bela Missão do Bongo e a Séde
da nossa Obra, em Nova Lisboa, chegámos ao

UMA CARTA DO CENTRO DA ÁFRICA...

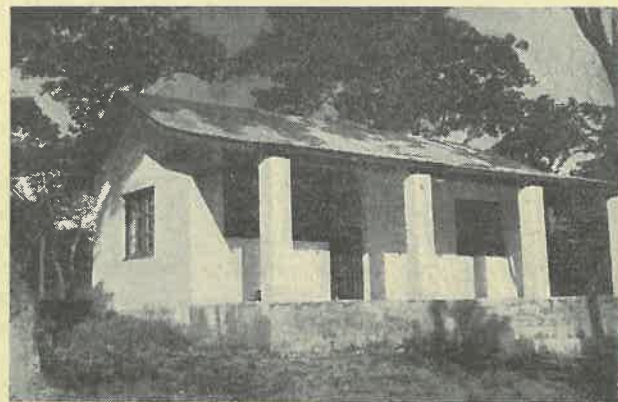
tica da ido-
latria, poli-
gamia, es-
cravatura,

etc., etc. Tôdas estas coisas o missionário tem
de enfrentar e combater para ganhar almas para
a fé e aperfeiçoar a raça.

Nestas condições, é muito difícil arrancar as
almas das garras de Satanás e readmiti-las na
família de Deus. Contudo sejam dadas graças
a Deus porque alguma coisa se tem feito. Nesta
Missão, pôsto que não esteja estabelecida há
muito, já se vêem os seus frutos. Tem 120 mem-
bros, 12 catequese das quais a mais perto fica
a 15 quilómetros e a mais longe a 340, e dois
dormitórios, um para rapazes e outro para ra-
parigas.

Em Junho do ano passado fiz, com o senhor
Director da Missão, uma visita à catequese de
Catulumba. As nossas espôsas ficaram em casa
e nós dirigimo-nos ao Pôsto Administrativo de
Dala a-fim de recebermos as guias. Só nos foi
possível sair dali, às 9 horas, com destino a Sau-
rimo. Fizemos o trajecto, que é de 170 quiló-
metros, perfeitamente. Passo a passo vimos ani-
mais focados pelos faróis do carro.

Um dia depois, às 7 horas da manhã, saímos
de Saurimo, a pé, com destino a Catulumba. Es-
tava um sol ardente e o terreno era um tanto
arenoso, o caminho não tinha mais de 10 a 15
centímetros de largura pois era de gentios e
javalis. Mas (ah !), era necessário andar muito,
pois a distância a percorrer era aproximadamente
de 55 quilómetros. A configuração do terreno,
a vasta e lu-
xuriante ve-
getação era
de tal maneir-
a, que raras
vezes nos era
possível ex-
pandir a vista
por mais de
duas ou três
dezenas de
metros. Às
vezes, porém,
éramos be-
neficiados
com a densi-
dade do ar-
voredo, visto
abrigar - nos
dos raios do
sol ardente.
Já tínhamos
andado mui-
to e as per-
nas doíam-



Dispensário no Bongo

Centro Missionário da Luz onde estamos colo-
cados.

Minha espôsa lecciona o primeiro e segundo
graus e eu tenho a meu cargo as classes de Bi-
blia, agricultura teórica e prática, bem como o
trabalho de evangelização de catorze aldeias
circunvizinhas e outros serviços gerais da Missão.

Aclimatamo-nos facilmente a estas longínquas
paragens onde tudo é completamente diferente.
Gostamos das populações e do trabalho que nos
foi confiado. Temos tido boa saúde e sentido a
mão de Deus sobre nós no nosso trabalho.

Existem muitas outras Missões disseminadas
por estes grandes distritos da Lunda e Moxico,
mas tôdas elas mais ou menos atrasadas devido
ao povo ser muito relapso. Se é verdade que os
Kiokos, no passado, se distinguiram pela sua
perícia na guerra, também é verdade que hoje
se distinguem pelos seus feitiços, pela sua prá-

nossa leprosaria do Bongo e tem tido grandes
melhoras. Certamente, se há alguém com direito
ao desânimo é ele. Deixou na sua terra mulher
e filhos e tudo quanto possuía a cargo de seu
tio. Mas os ladrões vieram e levaram tudo.
A-pesar-dêstes precalços, Nascimento diz que
deseja ficar firme e estar pronto quando Jesus
venha ; deseja também converter os outros le-
prosos da Colónia.

R. Parsons

Director do Hospital do Bongo



Nascimento, tratado no Bongo

-nos, quando chegámos ao «Luachimo». Este rio é marginado de ambos os lados por um grande lamaçal. Para o atravessar foi necessário descalçar os sapatos, as meias, arregaçar as calças e percorrer assim, enterrando-nos até quasi aos joelhos, o dito lamaçal que tinha uma extensão de cerca de duzentos metros.

A sede ardente que sentíamos quasi não nos permitia falar. Deitámo-nos à água com grande avidez, mas tivemos de bebê-la à maneira dos trezentos bravos de Gedião (Juizes 7:6), pois o rio, como quasi todos os outros, está infestado de hipotótamos, crocodilos e jacarés.

Após tôdas estas peripécias continuámos a viagem durante algumas horas até que chegámos ao rio «Tamba» onde se nos apresentaram as mesmas dificuldades, mas alegrámo-nos porque novamente tivemos água para podermos saciar a sempre intensa sede. Parámos alguns



Na Missão do Bongo : árvores frutíferas

minutos para tomarmos uma simples refeição fria após o que seguimos a difícil e monótona viagem.

Faltavam uns quinze quilómetros para atingirmos o términus do percurso quando o dia escaldante se dissipava, por um ocaso muito rápido, para dar lugar a uma noite frígida.

Nestas circunstâncias era loucura continuar. Tanto nós como os nossos serventes estávamos extenuadíssimos. Resolvemos acampar e passar ali a noite. Como já tinha sido informado de que o leão bem como outras feras passeavam por aquêles sítios, perguntei ao Director se não haveria perigo em pernoitarmos em pleno sertão completamente desabrigados, ao que obtive por resposta: «o leão não gosta de carne de missionários».

Nada mais havia a fazer do que arranjar um pouco de capim para servir de cama, com a

roupa que levávamos, e dormir. Ao outro dia de manhã acordámos molhados devido ao cacimbo da noite.

As oito horas começámos a última etape e três horas depois estávamos em Catulumba. Fomos recebidos com tôdas as pompas gentílicas. Um grupo de quarenta alunos, formou em filas de dois, tendo o seu professor à direita, para cantar hinos religiosos na sua língua, mostrando assim a sua grande alegria pela nossa visita. Neste dia nada mais fizemos do que descansar a-fim de estarmos à altura de fazer o trabalho em vista. O primeiro serviço a empreender foi a inspecção visando os seguintes pontos: exame aos alunos, a vida particular do professor, seu comportamento no lar, como bom exemplo na aldeia, a Escola Sabatina e a maneira de apresentar a Mensagem, organização, estado de limpeza da Escola e da casa do professor, etc., etc.

Seguidamente começámos o trabalho de evangelização não só em Catulumba, mas também em quatro aldeias vizinhas. Dividimos o povo por nós e nossos colaboradores catequistas para que tôdas as pessoas tivessem a grande oportunidade de ouvir a mensagem de Salvação. Todos os pontos de doutrina contidos no nosso catecismo foram focados por nós em cada um dos dias durante a nossa estadia ali de 15 dias. À noite acendíamos grandes fogueiras, o povo sentava-se em forma de círculo, cantavam-se hinos, expunha-se o Evangelho puro de Jesus, faziam-se apêlos directos ao coração das pessoas e finalmente invocava-se o nome de Deus através duma fervorosa oração que era traduzida e ouvida silenciosamente por todos.

Sempre que tinha tempo ia para junto do povo. Gostava muito de lhes fazer perguntas acêrca dos seus usos e costumes e falar-lhes directamente do nosso Salvador Jesus. Havia muitos aleijados e várias doenças repugnantes, talvez incuráveis. Quando será o dia em que nós poderemos ter aqui um médico para que estas infelizes pessoas sejam curadas do corpo e do espírito?

Fizemos tudo quanto pudemos em favor daquelas pobres almas. Era tempo de andarmos 55 quilómetros até Saurimo. Desta vez preferimos andar tudo num dia a dormirmos ao relento. Chegámos muitíssimo fatigados, mas ao outro dia estávamos quasi bons, graças ao Senhor. Após um dia dirigimo-nos à Missão onde tudo tinha decorrido õptimamente.

Eis aqui, prezados leitores, como o missionário procura, com tôdas as suas fôrças, com tôda a sua boa vontade, às vezes com risco da sua própria vida, «dilatara fé e o império».

Desejava pedir a todos os que lerem estas linhas que se lembrem de nós e da Obra de Deus neste ponto do nosso querido Portugal. Os

≡ Nas Colónias Insulares do Atlântico ≡



Nova-Sintra, capital da Brava

Exercemos directamente a nossa acção missionária em duas importantes colónias :

Cabo-Verde

Todos os leitores ouviram na escola falar daquele grupo de dez ilhas que se estendem no Atlântico a meio caminho entre Portugal e o Brasil. Dez grandes problemas missionários estão ali também. Todas as ilhas são mais ou menos povoadas de uma população simpática, característica. As comunicações são difíceis entre essas ilhas. Não é fácil ao europeu aclimatar-se fora dos principais centros civilizados. A não ser na cidade do Mindelo ou na da Praia — e mesmo aí — há escassos recursos contra as doenças. Quando tudo falta, a nostalgia da pátria torna-se mais acerosa. Há ilhas onde a água que se bebe, na maioria dos casos, é a das chuvas acumulada em cisternas ; às vezes lá aparece uma fonte de ténue caudal, uma para toda a ilha. A deficiência alimentar gera as mais graves e mortíferas enfermidades.

Mas os caboverdeanos, esses nossos compatriotas, não obstante serem de côr e raça diferentes, merecem da nossa parte muita simpatia, amor e auxílio, não só porque pertencem ao nosso Império Colonial, mas também porque são filhos do mesmo Deus que « não faz acepção de pessoas ».

Ataíde Miguel Candeias

Missão da Luz, Angola, 30-12-943.

triotas, agarram-se às suas terras e às suas pequenas casas, na maioria sem conforto. E precisamos de lhes falar de Jesus, de lhes dar as consolações do Evangelho, de os animar com a fé nos combates agrestes da sua vida. Precisam partir os missionários e de se estabelecer, conforme puderem, entre os povoados daquelas dez ilhas.

Não são muitas as obras cristãs em Cabo-Verde. Precisamos pois de acarinhar as actividades missionárias naquele arquipélago.

As nossas duas missões da Brava e do Fogo têm espalhado o nome de Jesus e a palavra do Evangelho e ali muitas almas se alegram em conhecer a sua redenção e ter, assim, obtido novos horizontes espirituais na sua vida.

Mas queremos estender os nossos esforços de catequese a todas as ilhas. Para isso, contamos com a simpatia dos nossos leitores.

Por certo, que muitos leitores da nossa revista podem apreciar a veracidade das nossas palavras. Desta guerra vai, pelo menos, sair para nós um bem ; milhares de jovens tiveram de fazer guarnição àquelas ilhas e podem testemu-



Família caboverdeana, na Brava

temperaturas superiores às citadas, no nosso simpático Alentejo ; podemos gozar as delícias de temperaturas abaixo de zero nas serranias das Beiras e Trás-os-Montes as quais nenhum gôzo dão aos pobres habitantes de casas esburacadas e sem nenhuma comodidade ; vemos os sofrimentos da malária em largos tratos de terreno como nos vales do Sado ; precisamos de cuidados oficiais e particulares para que o tifo exantemático não saia das zonas onde é endémico. Deixaremos em silêncio o muito que poderíamos dizer sobre tuberculose, lepra, cancro e toda a série de pragas.

Enquanto o nosso compatriota prêto não tem preocupações demasiadas sobre o alimento — porque o terreno é produtivo ao máximo e na floresta abundam os frutos — ; sobre a habitação que pôde ser higiénica embora simples e gratuita ; sobre o vestuário reduzido ; andam os brancos massacrados e preocupadíssimos com a sua minguada razão e despesas acessórias. Certamente que um nativo nas colónias pode ter vida mais desafogada que um pobre de Portugal. Ainda não foi preciso montar Sopas para pretos !

Por aqui poderão os juvenis leitores desta Revista e seus pais tirar a conclusão muito verídica que, nas nossas colónias, é possível a vida e até, em muitos casos, em melhores condições que na metrópole. Por certo que nos serviços da Administração Pública será preciso exercer funções em localidades pouco favoráveis mas não esqueçamos que o mesmo pode acontecer na metrópole onde há vilas e até cidades muito insalubres sob vários pontos de vista. Também há colónias onde a vida é difícil em muitos dos centros povoados.

Não se esqueçam, contudo, a Juventude Portuguesa e os seus mentores intelectuais e espirituais, das brilhantes possibilidades em todos os trabalhos oficiais e particulares nas nossas colónias. Vale a pena que, no começo das suas vidas de actividade, se perguntem da possibilidade de as iniciar nas colónias com muito melhores garantias materiais presentes e futuras.

2.^a — Os nativos de nada precisam e as Missões não são necessárias ?

Atrás dissemos que, na realidade, um nativo, nas boas colónias portuguesas como as de Angola e Moçambique, vive melhor quanto à vida material do que um branco pobre no continente. Também é uma verdade absoluta que se necessitam na nossa metrópole muitos centros intelectuais e espirituais como os das Missões Ultramarinas. Quando as igrejas cristãs se resol-

verem a montar, nas regiões metropolitanas mais carecidas, missões com escolas de artes e ofícios, com dispensários médicos, com agricultura organizada, terão resultados muito superiores aos obtidos nas populações de côr.

Mas é errado pensar que nada haja a melhorar nas populações nativas. Precisamos criar nelas a alma cristã ou, pelo menos, a alma humana. Carecem ainda de varrer do seu espírito as grosseiras e malignas superstições que lhes enegrecem a vida. Poderão ser muito mais felizes, mais fortes, mais produtivas quando conheçam e pratiquem as comensinas regras da higiene do corpo e da moral. Sofrem de males que têm remédios simples, ao alcance de todos mas que são ignorados por elas. Não orientam a sua vida de harmonia com as radiosas esperanças cristãs do Reino de Deus entre os homens nem se poderão preparar para êle sem o socorro espiritual das Missões.

As Missões são os centros de cultura de todas as doutrinas orientadoras da vida prática, de todos os conhecimentos úteis à vida normal. Exercem ou devem exercer as actividades que, mais tarde, o próprio Estado pode chamar ao seu controle, quando a rede administrativa se possa desdobrar e estender. As populações nativas carecem das Missões tanto como a metrópole delas careceu nos primeiros séculos da nossa Era quando as variadas tribus de celtíberos viviam a sua vida deficiente e só pensavam em se guerrear umas às outras. Nós hoje somos em grande parte, se não na totalidade, o resultado da obra missionária exercida pelos cristãos primitivos. E da mesma forma e pela mesma acção, se a vida actual do globo se mantivesse o mesmo ou menor espaço de tempo, poderiam outras gerações ver idênticos resultados nos sertões coloniais, nas ilhas menos felizes, do império colonial português e em tantas outras regiões do mundo pagão.

Missões, muitas missões cristãs dentro das selvas, entre as variadas tribus de portugueses pretos ! Missões que realizem o grande trabalho do Mestre : curar, ensinar, catequizar ! Eis a grande necessidade. São dignas de todo o apoio e facilidades.

Suplemento da REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da

UNIÃO PORTUGUESA DAS IGREJAS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Director : A. DIAS COMES

Administrador : A. F. RAPOSO

Redacção e administração :

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Imp. LUCAS & Ca. — R. do Diário de Notícias, 61. LISBOA



Algumas Sedes de Congregações Adventistas

Lisboa — Rua Joaquim Bonifácio, 17

Pôrto — Rua de Santo Ildefonso,
376, 2.º

Portalegre — Rua 1.º de Maio

Tomar — Rua da Fábrica, 70

Coimbra — Rua da Sofia, 181

Barreiro — Rua Vinte de Abril

Vila Real de Santo António —
Rua Dr. A. Passos, 2-A

Niza — Rua Padre Ribeirinho, 95

Setúbal — Rua Estêvam de Vascon-
celos, 49

Funchal — Rua João de Deus, 7

Ponta Delgada — 1.ª Rua de Santa
Clara, 2

Angra do Heroísmo — Rua da
Liberdade, 155

Brava (Cabo Verde) — Nossa Senhora
do Monte

Fogo (Cabo Verde) — S. Filipe

S. Tomé — Caixa Postal, 349

Nova Lisboa (Angola) — Caixa Pos-
tal, 3

Missão de Mungulúni — Correio
de Munhamade, Quelimane —
Moçambique.

PREÇO ESC. 5\$00

